

UM GUIA PATERNO DE COMO CRIAR  
FILHOS SÁBIOS NA ERA DIGITAL

# CRIANDO PENSADORES CRÍTICOS



**JULIE BOGART**  
COACH DO HOMESCHOOL ALLIANCE

Prefácio de Barbara Oakley, Autora do livro  
*Aprendendo a aprender para crianças e adolescentes*



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2022

## SUMÁRIO

PREFÁCIO	xiii
INTRODUÇÃO	xvii
<b>PARTE 1</b>	
O que É um Pensador Crítico?	1
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Quem Disse?	5
<b>CAPÍTULO 2</b>	
Separando os Fatos das Suas Ficções	21
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Cada Vez Mais Intrigante: A Educação Problematicadora	41
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Observação Cuidadosa: Através do Espelho	67
<b>CAPÍTULO 5</b>	
Importar-se É o Início do Pensamento Crítico	89
<b>CAPÍTULO 6</b>	
Identidade: A Força que Deve Ser Levada em Conta	113

## PARTE 2

Leia, Experimente e Encontre: Uma Educação de Verdade 133

### CAPÍTULO 7

Leitura: Próxima e Pessoal 139

### CAPÍTULO 8

Leitura: Leia Devagar para Se Aprofundar 167

### CAPÍTULO 9

Experiência: Aumentando a Intimidade 185

### CAPÍTULO 10

Encontro: Esmagador e Transformador 209

## PARTE 3

A Imaginação Retórica 235

### CAPÍTULO 11

O Surpreendente Papel da Autoconsciência no Pensamento Crítico 243

### CAPÍTULO 12

A Arte da Interpretação 271

### CAPÍTULO 13

A Coragem de Mudar de Ideia 291

Agradecimentos 299

Notas 303

Índice 321

# CAPÍTULO 1



## Quem Disse?

É isso. Essa é a verdadeira história. Eu fui incriminado.

—Jon Scieszka, *A verdadeira história dos três porquinhos*

Mergulhei a cabeça de Noah, de 3 anos de idade, na água limpa para tirar o sabão. Quando voltou, ele limpou a boca e pediu: “Me conta a história dos *Três porquinhos* de novo!” Eu contei, como já havia feito várias vezes antes. Noah repetiu comigo o famoso bordão do lobo: “Eu soprei e soprei e a casa derrubei!” Noah não dizia apenas as palavras. Ele inspirava e soprava um ar molhado, derrubando casas imaginárias de palha, madeira e tijolos. Nós nos divertíamos bastante.

Meses depois, encontrei um livro novo na biblioteca que achei que seria do agrado de meu filho aficionado pela história dos três porquinhos. O título dele era *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka. Nós nos sentamos juntos no sofá, e comecei a ler a história em voz alta. Os olhos de Noah se abriram de prazer — era o ponto de vista do lobo! O coitado do lobo só queria pedir uma xícara de açúcar emprestada aos seus vizinhos, os porcos, para assar um bolo de aniversário para

sua avó. Poxa, que cara legal! Infelizmente, o Sr. Lobo estava com uma gripe terrível. Seus espirros derrubaram as duas primeiras casas, acidentalmente matando os porcos que moravam nelas. O prudente lobo não podia deixar todo aquele presunto estragar, então ele comeu os porcos. Quando ele chegou na casa de tijolos, o terceiro porco já havia notificado a polícia sobre os crimes do lobo. O Sr. Lobo foi *erroneamente* condenado pelos seus crimes e preso por dez milênios. O lobo falou sobre a injustiça da sua situação na cadeia, dirigindo-se ao leitor na sua declaração final: “É isso. Essa é a verdadeira história. Eu fui incriminado.”

Não demorou para que Noah ficasse obcecado com esse novo livro. O motivo não era que ele achava que o livro contava a *verdadeira* história dos três porquinhos. Era que, por ler a versão do lobo do conto de fadas, Noah descobriu que poderia *haver* ainda outro ponto de vista. A habilidade de Noah de suspeitar do relato do lobo era intuitivo e fazia parte do que tornava a leitura daquele livro tão agradável. Até aquele momento, a mente de Noah estava automaticamente alinhada com a de todos os narradores oniscientes dos contos de fadas. Nunca houve um motivo para questionar a veracidade de nenhuma história — até ele ouvir a versão do lobo.

Noah havia involuntariamente se deparado com o recurso literário conhecido como “narrador não confiável”. O narrador não confiável é o pensador sem autoconsciência original. A maneira defensiva e que visava seus próprios interesses que o lobo usou para contar sua história deixava claro para os leitores que o lobo não estava usando suas próprias faculdades de pensamento crítico. Em vez disso, ele estava apresentando uma defesa que servia aos seus próprios interesses: ocultar seus crimes, obscurecendo os fatos e reformulando-os para adequá-los à sua declaração de inocência. O lobo, como um narrador não confiável, foi a primeira oportunidade que Noah teve de examinar o ponto de vista de um personagem de uma história que lemos. Scieszka mistura a “trágica” história do lobo com humor. Os leitores *sentem* o absurdo da narrativa. Mas como podemos saber que, de fato, estamos lendo o ponto de vista de

um narrador não confiável? O que torna o ponto de vista narcisista do lobo tão óbvio para nós, os leitores?

Chegamos às perguntas fundamentais do aprendizado. Como sabemos em que fonte de autoridade devemos confiar? Por exemplo, quais pontos de vista de eventos históricos são verídicos? Como podemos diferenciar um teórico da conspiração de um informante? Como classificamos nossos políticos eleitos como verdadeiros ou mentirosos egocêntricos? Quais teorias científicas são confiáveis? Quais são uma farsa? Qual processo matemático devo usar em determinado contexto? Quais histórias são canônicas? Como determinar quais livros devem deixar de ser considerados “clássicos”?

Quando permitimos a abertura dessa porta, essas perguntas aparecem uma atrás da outra. Quais políticas governamentais fazem as pessoas prosperarem? Quais resultam em abusos dos direitos humanos? Como avaliar as declarações religiosas? Que padrões usamos para fazer essa avaliação? Quer estejamos conscientes delas, quer não, nos fazemos essas perguntas sempre que lemos, ouvimos ou pensamos em qualquer informação. Ao ensinar nossos filhos, seria tentador pensar que podemos encontrar a verdade e ensiná-la a eles. Porém, quem decide o que é verdade?

Podemos comparar cada assunto a um conjunto de histórias contadas por narradores (especialistas, comentaristas, artistas, cientistas, testemunhas oculares, mentirosos, crentes, vítimas e vencedores). Cada um desses narradores conta a história de um ângulo diferente. Uma maneira de raciocinarmos sobre qualquer assunto — seja ele transmitido por meio de um livro, filme, peça, lenda, mito, dado, poema, estatística, prática, teoria, doutrina ou notícia — é nos perguntar: “Quem está contando a história?” Quando pedi às minhas tias e à minha mãe para me contarem a história da vida amorosa dos pais delas, escutei várias versões dos fatos. O que faz com que a interpretação de qualquer uma delas seja confiável? Essa é a essência dessa jornada de pensamento crítico. Talvez você já tenha sentido aquela sensação de que alguém sem a devida experiência

e autoridade tenha tentado contar a *sua* história e não conseguiu fazer isso direito. Considere o clássico estereótipo da circunstância de gênero: um médico tenta orientar uma mulher sobre como lidar com os desconfortos da gravidez e do parto. Muitas mulheres respondem, e com razão, como a personagem de Rachel do seriado *Friends*: “Sem útero, sem opinião!” É mais ou menos isso o que estou tentando dizer aqui. Saber quem é o narrador faz toda a diferença. Todo ponto de vista é formado a partir do conjunto de dados específico de cada narrador. Avaliamos a confiabilidade de um narrador automaticamente, fazendo-a passar por vários filtros dos quais, em geral, não estamos conscientes.

Educação não significa aprender várias informações neutras apenas para passar nas provas. É a habilidade de identificar os narradores, de avaliar as fontes, de questionar os pontos de vista e de determinar a utilidades deles em um momento específico do tempo. Na verdade, as interpretações de eventos históricos, da literatura, de descobertas científicas e muito mais mudam de geração a geração, de ano a ano e, às vezes, de mês a mês. Que tarefa difícil! Será que isso significa, então, que o pensamento crítico está reservado apenas para especialistas que encontram furos em teorias e avaliam em quem confiar e quem desacreditar? Deveríamos simplesmente acreditar neles? Se o pensamento crítico se resume simplesmente a como avaliamos as conclusões de *outras* pessoas, como podemos julgar o ponto de vista delas sem a devida experiência ou educação? Por exemplo, a maioria das pessoas não está qualificada para julgar teorias científicas sobre assuntos como gases do efeito estufa ou a origem do universo. Lembro-me de já ter lido argumentos a favor e contra a teoria do Big Bang. Tive minha própria epifania enquanto lia: *Não estou qualificada para avaliar essas evidências*. Mas não acabamos fazendo isso de qualquer maneira? Que critérios justificam as opiniões que adotamos quando nós mesmos não somos especialistas habilidosos?

Estou pensando nas inúmeras decisões que os pais tomam sem nenhuma especialização: vacinar ou não, que tipo de tratamento odontológico é melhor, que tipo de parto é mais seguro, que método de ensino é melhor para essa criança? Os pais tomam essas decisões sozinhos sem

terem recebido aulas ou treinamento para isso o tempo todo, e sentem a necessidade de fazê-lo. Na verdade, pessoas de várias origens criticam categoricamente vários pontos de vista sem terem recebido a educação correspondente, em especial pela internet. É só abrir o Twitter e veremos que muitas postagens são afirmações sem base. A evidência anedótica se tornou generalizada — o tempo todo substituímos nossas experiências pessoais pelo conhecimento de profissionais treinados. Por outro lado, podemos coletar evidências para comprovar nossa opinião e ficamos perplexos quando outros ignoram esses “fatos” arrastando a tela para cima ou apertando a tecla delete. O mundo no qual nossos filhos estão entrando espera que eles tenham uma opinião formada, e essa opinião (independentemente das suas qualificações) determinará se pertencerão ou não a essa comunidade. No fim das contas, costumamos escolher os narradores que nos aprovarão como membros da nossa querida comunidade.

## Dê Nome ao Narrador

Toda vez que consumimos informações (dados, opiniões de especialistas, experiências pessoais), devemos nos fazer uma perguntinha: “Quem disse?” Todos os campos de estudo — seja história, literatura, matemática, sociologia, teoria política, psicologia, arte, comércio, ciências, estatísticas, religião ou medicina — nos são apresentados através de lentes. Esses assuntos são contados por narradores, que interpretam as informações. Às vezes o narrador escolhe se esconder por trás de uma apresentação impessoal dos dados. Por exemplo, as ciências exatas e sociais são expressas da forma mais “objetiva” possível, nas quais o pesquisador faz o máximo para eliminar sua opinião pessoal. Em outros casos, a opinião do narrador é óbvia: escritores de editoriais, acadêmicos que escrevem teses persuasivas ou o lobo que tentou justificar comer dois porquinhos. Às vezes o narrador diz ter recebido orientação divina, como as escrituras divinas de uma religião escritas por Deus através de um secretário humano. Uma habilidade de um pensador crítico que queremos dominar é a de *dar nome ao narrador*.

Quando os alunos são convidados a examinar o trabalho de um pesquisador, a questionar o ponto de vista de um escritor ou a comparar as descobertas conflitantes de especialistas, espera-se que façam uma análise razoável. Como eles fazem isso? É sobre isso que este livro fala. Mas, antes de os alunos começarem a fazer essas análises, eles precisam dar um passo ainda mais importante.

## A Selfie Acadêmica

Antes de qualquer pessoa (nossos alunos e nós mesmos) conseguir pensar de forma crítica, precisamos lidar com um ponto cego em comum: nosso próprio raciocínio! As análises mais profundas acontecem só depois de virarmos a lente da câmera para o outro lado e tirarmos o que chamo de “selfie acadêmica”. Como vivemos dentro do nosso corpo e pensamos na nossa mente, perdemos contato com a maneira que interpretamos e julgamos. Consultamos um sentimento pessoal de “justiça” — como o que escolhemos acreditar se harmoniza com o que aprendemos na escola, na internet, na TV ou no rádio. Comparamos o que pensamos com o que nos ensinaram em nossas comunidades religiosas. Pensamos sobre onde moramos ou como fomos criados. Até realizarmos esse trabalho interno, toda avaliação dos pensamentos de outras pessoas será influenciada por toda essa estética pessoal sem nem sequer nos darmos conta.

Lembra-se das minhas tias e da minha mãe, como elas interpretaram a carta de amor do pai delas? Todas elas interpretaram a referência a “fazer amor” de forma diferente. Elas justificaram suas interpretações sem se fazer uma pergunta essencial: *O que espero que seja verdade?* Virar a lente para o outro lado significa reconhecer que nosso viés pessoal está pronto para fazer a interpretação por ele mesmo! Reconhecer nosso viés não significa que a conclusão à qual chegamos está automaticamente errada. Na verdade, ser um pensador crítico significa sentir-se à vontade para identificar nossas reações rápidas quando elas surgem para nos certificarmos de que esses pensamentos automáticos não sufocarão outras possíveis interpretações, em especial na fase inicial de pesquisa

do estudo. O pensamento crítico inclui essas duas habilidades: sermos críticos (dos outros) e estarmos cientes (de nós mesmos). As duas. Ao educarmos crianças, devemos ensinar primeiro a habilidade subvalorizada da autoconsciência.

Então, por onde começamos? Como uma pessoa se torna um pensador crítico *autoconsciente*? Pensadores autoconscientes de alto calibre são adeptos de identificar o impacto das suas experiências, percepções, vieses, crenças, pensamentos, lealdades e suposições nos seus estudos. E permita-me dizer o seguinte: esse trabalho é cansativo. O verdadeiro pensamento perceptivo necessita de tempo para germinar. Em geral, começamos com várias reações quase que imperceptíveis à medida que avaliamos algo, como as desta lista:

- Me dá branco quando preciso me lembrar de números.
- Não quero que isso seja verdade.
- Essa ideia me deixa nervoso. O que meu [pai, líder espiritual, melhor amigo, professor] diria sobre isso?
- O personagem principal me lembra minha tia insensível.
- Esse escritor não faz parte do partido político que meu pai odeia?
- Esse fato arruinaria minha tese. Será que não posso pulá-lo e escrever meu trabalho sem ele?
- Gostaria de saber mais sobre X. O fato de que os escritores estão ignorando X me irrita.

Esses pensamentos estão disfarçados na consciência do aluno, de modo que é útil chamar sua atenção para eles. Os alunos podem aprender a viver com o desconforto da evidência contraditória, do relatório que mina sua teoria ou das opiniões conflitantes de especialistas antes de poderem comentar. Você já passou pela experiência de escrever uma postagem raivosa nas redes sociais e deliberadamente deixar as evidências contra seu ponto principal de lado? Essa é sua mente protegendo sua energia intelectual — a energia necessária para ter e desenvolver uma ideia (e o tempo que leva para repensá-la!). A maioria das conversas

online são bem rápidas. Esbravejar é energizante. Considerar um ponto de vista ou um fato que não queremos que seja verdade é cansativo.

Até adultos encontram dificuldade para dominar essas habilidades porque fomos condicionados a pensar que considerar algo além do nosso ponto de vista sobre o mundo é uma heresia. Essa é uma ideia de como seria monitorar pacientemente nossa própria reação. Imagine que está lendo um editorial que contradiz uma ideia que você considera sagrada.

- Talvez você sinta um aperto no estômago:

*Por que estou sentindo tanta raiva lendo esse artigo?  
Estou lendo ele por cima só para encontrar defeitos?*

- Talvez você sinta uma pontada de triunfo:

*Arrá! Esse é o fato que posso usar para provar que estou certo!*

- Talvez você se sinta entediado ou irritado.
- Talvez você identifique uma mudança no seu entendimento imutável, o que o perturba.
- Talvez você apague o seu histórico da internet para que seu cônjuge não descubra o que estava lendo em determinado site.
- Talvez sua mente se afaste rapidamente do que você está estudando porque teme estar perto demais de um ponto de dissensão. (Independentemente de qual seja o campo, sempre haverá a ortodoxia e a heresia dentro dele.)
- Talvez você dispense um argumento simplesmente porque conhece a reputação da fonte da notícia.

É fácil desconsiderar uma informação que gera problemas emocionais. Por outro lado, a adrenalina que sentimos quando alguém confirma o que gostaríamos que fosse verdade é inebriante. Essa é a droga que queremos: prova de que estamos do lado certo, afinal. O termo técnico para esse mecanismo de busca por validação é “viés de confirmação” — a inclinação de confiar em um relato porque ele confirma nossas crenças

preestabelecidas. Essas sensações corpóreas, reações neurológicas e esses pensamentos não são fáceis de abandonar. Eles *são* a essência de como formamos nossas opiniões básicas.

Naturalmente, as crianças são adultos em treinamento. Elas também são suscetíveis. Oras, elas se sentam às nossas mesas por cerca de vinte anos, ouvindo-nos reclamar e doutrinar. Se não aprendermos a moderar nossas próprias tendências de ensinar a “verdade”, prejudicaremos a capacidade dos nossos filhos de pensar corretamente. É necessário ter autocontrole para ser um pensador reflexivo. Controlar nossos impulsos é difícil para todos nós.

Segundo o psicólogo Daniel Kahneman, existe uma forte correlação entre autocontrole e a qualidade do pensamento crítico. Kahneman, no seu excelente livro *Rápido e devagar: duas formas de pensar*, cita o famoso experimento realizado pelo psicólogo Walter Mischel, que testou a força de vontade de crianças de 4 anos deixadas sozinhas em uma sala com um único biscoito. As instruções? *Espera quinze minutos para comer esse biscoito e receberá dois biscoitos*. As crianças pesavam o dilema sozinhas e eram observadas através de um espelho semitransparante. Não havia nenhum livro ou brinquedo na sala para distrair a criança. Se ela comesse o biscoito ou apresentasse sinais de aflição, o experimento terminava.

Metade das crianças conseguia esperar durante os quinze minutos. Impressionante, não? O que é surpreendente é que, quando sua educação foi avaliada dez a quinze anos depois, “[o]s resistentes tinham grau mais elevado de controle de execução em tarefas cognitivas”. Essas “crianças que haviam exibido maior autocontrole aos 4 anos de idade obtinham notas substancialmente mais altas em testes de inteligência”. Estudos similares com jogos de computador e resolução de quebra-cabeças mostraram que aqueles que tiveram uma nota baixa nesses tipos de testes “tendem a responder a perguntas com a primeira ideia que lhes vem à mente e relutam em investir o esforço necessário para checar suas intuições”. Essa indisposição de “checar nossas intuições” é com o que

muitos de nós se deparam todos os dias ao ouvir as notícias ou ler um site. Mantermo-nos abertos a informações adicionais exige paciência e autocontrole.

Achei esse estudo fascinante. Tornar-se um pensador crítico exige esse tipo de autodisciplina. De modo similar, pensadores de qualidade adiam a gratificação de estarem imediatamente certos. Eles escolhem não se tornarem presas do seu primeiro palpite ou impressão. Em geral, crianças que não têm paciência para buscar informações adicionais “comerão o biscoito” da ideia mais simples, em vez de esperar pela recompensa de considerar duas ou mais opiniões.

Assim, façamos uma pausa e voltemos a considerar *A verdadeira história dos três porquinhos* através de uma lente diferente. E se avaliássemos essa história não como críticos, mas como pensadores críticos *autoconscientes* primeiro? Como eu encararia a versão do lobo da história dos três porquinhos?

Começo me perguntando:

- Que mensagens sobre lobos trago comigo ao ler essa história?

**Resposta:** Estou acostumada a ver lobos serem retratados como os vilões em contos de fadas. Os lobos de *Chapeuzinho Vermelho* e *Pedro e o lobo* me vêm à mente. Em ambos os casos, o lobo é “grande e mau”.

- Como esse histórico poderia afetar minha análise do relato do lobo?

**Resposta:** Suspeito do lobo que mostra consideração pelos porcos, uma das suas refeições favoritas. Duvido da sua afirmação de que ele matou dois porcos “acidentalmente” e que foi *obrigado* a comê-los. *Claaaro!*

- Que experiências anteriores já tive com contos de fadas?

**Resposta:** Um conto de fadas serve para me dar uma lição de moral sobre o bom e o mau. Procuo por ela desde o início. Se não encontrar uma, suspeito do narrador. Em *A verdadeira história dos três porquinhos*, parece não

haver uma lição de moral — só uma defesa meia-boca para justificar atos imorais.

- Qual é a minha experiência com esse conto de fadas específico?

**Resposta:** Já ouvi diversas versões e assisti a diversas representações dessa história nas quais os porcos eram vítimas inocentes e o lobo era o óbvio vilão. *Essa definitivamente deve ser a versão verdadeira, porque é a mais comum.*

- Por último, o que sei sobre Jon Scieszka, o autor?

**Resposta:** Sei que ele é hilário.

Dado esse histórico, li o livro esperando que Scieszka invertesse a versão familiar, fazendo o lobo deixar de ser o vilão e transformando-o na vítima. Ainda assim, como eu confiava no fato de que o lobo-vilão era a versão “mais verídica” do conto de fadas, entendi as piadas! A abordagem de Scieszka funcionou muito bem.

Agora, vamos ver as coisas do ponto de vista de Noah. O que fez com que Noah, de 3 anos, desconfiasse tão rápido da versão do lobo da história dos três porquinhos? O que o fez enxergar essa história de modo diferente de todas as versões dos três porquinhos que lemos juntos (que ele havia aceitado como a verdadeira)? Consigo pensar em dois fatores.

Primeiro: *eu* li o livro de Scieszka para Noah, de modo que a minha inclinação talvez tenha influenciado a forma como Noah interpretou a história. Eu não conseguia evitar rir dos absurdos. Usei uma intonação na minha leitura que descreditava a versão do lobo. Em resumo, meu ponto de vista de qualquer uma das histórias serviu como uma lente que controlava as interpretações e respostas do pequeno Noah.

Segundo: Noah estava tão familiarizado com a versão original do conto de fadas que já a havia aceitado como a versão correta por pura repetição. E se Noah tivesse ouvido essa história pela primeira vez do ponto de vista do lobo? E se ele tivesse ouvido a versão do lobo várias vezes por meio de vários livros e filmes antes de ouvir a versão que favorece os porcos? Acha que Noah (ou qualquer outra criança) teria conseguido

desacreditar automaticamente a versão do lobo? Esta é uma pergunta interessante. O texto de Scieszka nos dá pistas de que o lobo visa seus próprios interesses e que está dando desculpas. As crianças se identificam com o ato de dar desculpas, sendo este um dos motivos pelo qual esse livro continua fazendo sucesso entre elas. O livro mexe com as crianças porque elas se identificam com esse acobertamento! Mas se a criança for jovem demais ou não estiver familiarizada com o conto original ou com nossos estereótipos sobre lobos, será que ela desconfiaria do lobo? Uma criança poderia chegar à conclusão de que o lobo estava certo no fim das contas? É aqui que chegamos no âmago do questionamento do pensamento crítico.

Noah e eu sofremos do que os pesquisadores chamam de “efeito de mera exposição”. Kahneman explica que a repetição nos condiciona a atribuir possíveis atributos ao item que é repetido. Alguns pesquisadores realizaram um experimento em alguns jornais de universidades norte-americanas nos quais palavras turcas (ou termos que pareciam turcos) eram exibidas dentro de uma caixa todos os dias sem nenhum contexto ou explicação do seu significado. Depois de algumas semanas, os leitores dos jornais dos *campi* foram convidados a classificar esses termos e outros que apareciam com menos frequência como “significa[ndo] algo bom” ou “significa[ndo] algo ruim”.

O resultado surpreendeu Kahneman: “Os resultados foram espetaculares: as palavras que foram apresentadas com maior frequência receberam classificações muito mais favoráveis do que as palavras que foram apresentadas apenas uma ou duas vezes.” A repetição nos dá a impressão de “bondade” ou de confiabilidade de relato. É por isso que, durante a época de eleições, vemos cartazes que contêm apenas o nome dos candidatos por toda parte. A familiaridade, neste caso, resulta em confiança. Kahneman explicou que esse viés, que ocorre naturalmente, tem raízes biológicas, no qual um estímulo que leva a um resultado benigno ou positivo é catalogado no cérebro como “bom”, o que entendemos como

verdade. O resultado disso é a facilidade cognitiva, um estado que nosso cérebro aprecia bastante. Voltando ao conto de fadas, quanto mais Noah e eu ouvíamos e contávamos a história original dos três porquinhos e suas dificuldades, mais acreditávamos no ponto de vista deles e os considerávamos bons! O grande lobo mau não tinha nenhuma chance.

Identificar esses fatores antes de lermos qualquer livro é o ideal. Entretanto, mesmo se os identificarmos depois, teremos a chance de nos comportarmos como pensadores críticos autoconscientes. Embora essa história nos pareça uma óbvia paródia do conto de fadas original, esse é um ótimo exercício para realizar com nossos filhos que têm menos experiência. Fazer perguntas que estimulam a autoconsciência é fundamental para analisar qualquer texto, desde os documentos que fundaram os Estados Unidos a estudos científicos, literatura religiosa, ficção e poesia.

Todo pensamento crítico passa pelo eu desde o momento em que deixamos o útero da nossa mãe. Nosso cérebro é uma máquina obcecada em atribuir significado às coisas, interpretando tudo que passa pelo seu caminho com base na percepção disponível a nós no momento, independentemente do quão limitada ela talvez seja. Os seres humanos estão determinados a lutar com a informação em uma visão do mundo que lhes conta a história que querem ouvir. Vamos ajudar nossos filhos a identificar os narradores.

Neste livro, muitos capítulos terminam com atividades para realizarmos com nossos filhos. (Às vezes incluo uma atividade para você também.) Em geral, essas atividades estarão organizadas por faixa etária.

- Para os pequeninos: 5 a 9 anos
- Para os jovens: 10 a 12 anos
- Para os adolescentes: 13 a 18 anos



☀ **ATIVIDADE: QUEM DISSE?**

As perguntas desta atividade se concentram em como seus filhos ouvem uma história e a interpretam. Dica: *não* faça essas perguntas como um sargento do exército. Apresente-as em uma conversa, durante o exercício, à medida que interage com eles. Leia-as, repita-as no banho, esqueça-se delas e, então... use-as de modo natural!

***Para os Pequenininos (5 a 9)***

Escolha uma história para ler para o seu filho. Ela pode se enquadrar nas seguintes categorias:

- Conto de fadas
- História de pescador
- Folclore
- Fábula de Esopo

Leia-a com antecedência para se familiarizar com essa versão específica.

Então, leia-a em voz alta para o seu filho.

Faça várias das seguintes perguntas (as que você acha que serão úteis):

1. Quem está contando a história?
2. Você acha que o narrador sabe o que os personagens estão pensando? O narrador é um dos personagens ou ele não faz parte da história? Como você sabe disso?
3. Você acha que o narrador está dizendo a verdade? Por quê?
4. De quem você gosta nessa história? De quem você não gosta? Algum desses personagem está contando a história?

5. Você já ouviu essa história ser contada de outra forma? De qual narrador você gostou mais? Por quê?

Você também pode aplicar essas perguntas a videogames, brincadeiras de faz de conta, programas de TV e canções. Se souber de outra versão da história que apresenta um ponto de vista diferente, leia-a e faça as mesmas perguntas. Então, compare as respostas.

### ***Para os Jovens: 10 a 12 anos***

As crianças desta faixa etária são capazes de um pouco mais de introspecção do que os pequeninos. Esse grupo consegue brincar com a narrativa e com pontos de vista. Escolha uma história famosa, pode ser até uma série de filmes — como *Star Wars* — ou de livros, como *Harry Potter*.

1. Quem está contando a história? Como sabemos disso?
2. Você confia no narrador? Por quê?
3. A história de quem não está sendo contada? Você confia nesse personagem? Por quê?
4. Tente contar essa história de outro ponto de vista. Quão difícil isso é? Que alterações você fez?
5. Se contasse a história do ponto de vista do vilão, a moral da história mudaria? Qual seria? O que você acha disso?

### ***Para os Adolescentes (13 a 18)***

Os adolescentes estão prontos para fazer interpretações mais profundas. Escolha uma história famosa (filme ou livro) para essas perguntas. Vocês podem conversar enquanto tomam um café. Deixe o clima leve. Isso não é uma prova.

1. Quem está contando a história? Ela está sendo contada em primeira pessoa (quem?) ou por um narrador onisciente (que sabe de tudo)? Como você sabe disso?
2. Você confia e acredita no narrador? Por quê?
3. A história de quem não está sendo contada? Consegue dizer por quê?
4. Conte essa história do ponto de vista de outro personagem. Que alterações você fez? Como o passado do personagem influenciou a sua maneira de contar a história? Sabemos o suficiente sobre esse personagem para criar um ponto de vista verossímil?
5. Conte essa história do ponto de vista de um objeto inanimado (como uma árvore, uma flor ou uma casa que se encontra no ambiente). Como isso mudou a maneira como a história é contada?
6. Sinta o seu corpo. Quando escuta duas versões diferentes, você sente algo diferente sobre a história? Você se sente mais apegado a uma, suspeita mais de outra ou acha outra mais divertida? Fale mais sobre isso.

Agora que seus filhos experimentaram o poder do ponto de vista de um narrador (seja o vilão, a vítima ou o transeunte inocente), vamos pegar o inventário da linguagem que usamos para conversar sobre esses pontos de vista. O narrador tem a mesma opinião que outra pessoa? Como diferenciamos os fatos do viés de um narrador? Que papéis a visão do mundo e o ponto de vista exercem em pensar corretamente? No próximo capítulo, explicaremos o glossário de termos que são usados neste livro e na nossa jornada para criar pensadores críticos.

## CAPÍTULO 2



### Separando os Fatos das Suas Ficções

Aqueles dentre nós que amam certamente se sentirão chocados várias vezes durante a vida.

—Dra. June O'Connor, minha brilhante tia e professora de ética e religião da Universidade da Califórnia, Riverside

**C**omo ela ainda pode acreditar nisso? Eu lhe mostrei os fatos!”

“Isso não é verdade. Ela é tendenciosa.”

“Todo mundo tem direito a sua opinião.”

“Se é verdade para uma pessoa, é verdade para todo mundo.”

“Eu tenho provas!”

“Deus disse que assim é.”

“Ele tem segundas intenções.”

“Objetivamente falando, isso é desinformação.”

“Sei porque eu estava lá.”

“Você tem preconceito!”

*Ad nauseam.*<sup>1</sup>

Você já entrou nas redes sociais, não é? Os usuários estão sempre escrevendo frases como essas, esperando acabar com a conversa prontamente. O que nos motiva a impedir outros de falar? Por que esperamos que outros concordem conosco? O que é essa necessidade instintiva de estarmos certos e que exclui a possibilidade de outros adotarem um ponto de vista diferente do nosso?

Por trás da nossa vontade de ter um ponto de vista correto está nosso desejo pela igualdade — a certeza da concordância, em vez do desconforto da diferença. E, honestamente, temos um bom motivo para ter esse desejo da igualdade, embora isso esteja nos prejudicando hoje em dia. Tudo começou com um pequeno experimento. Vou lhe apresentar agora a história nua e crua da educação global e pública baseada na sala de aula (entenda que essa não deve ser encarada como a história definitiva). Quero reverter as possíveis consequências acidentais e não intencionais resultantes de um dos projetos humanos mais bem-sucedidos de todos os tempos: educar a todos.

À medida que a sociedade humana evoluiu, ela teve uma brilhante ideia: “Vamos ensinar todo mundo, desde a realeza — com as joias da coroa — a proprietários de terras e pessoas comuns que trabalham para esses peixes grandes.” Isso levou bastante tempo. Nem todo mundo gostou desse projeto. Alguns achavam que a educação pública atrapalharia o treinamento religioso. Os colonialistas e donos de escravos procuravam impedir ativamente que os oprimidos e explorados recebessem educação. Ensinar meninas a ler e escrever era visto como perda de tempo por muitos homens no poder. Aqueles que tinham deficiências também eram excluídos da escola.

---

1 De *argumentum ad nauseam* (argumentação até provocar náusea), ou seja, quando um argumento é repetido insistentemente até chegar ao ponto de aborrecer ou causar uma náusea metafórica no interlocutor. [N. do T.]